

## A Morte do Príncipe



**A TERRA QUE COBRE** o palco é um sinal do que está para vir. Os corpos quase sempre estáticos dos actores confirmam o pressentimento. De certa forma, uma e outros são um símbolo do desejo de fincar os pés. E a partir desse ponto tentar ultrapassar este tempo para, reflectindo, virando as entranhas do pensamento se necessário, voltar (ou finalmente chegar) a esse lugar ideal dominado pela empatia, onde se olha para o outro como um humano e não como mais um adversário numa corrida de ratos. Embora procure a esperança entre o que parecem ser os restos da humanidade, a dramaturgia e a encenação de Ricardo Boléo deixam poucas ou nenhuma saídas airoas para as suas personagens e um excesso de dificuldade para os seus actores. Ofélia (Lidia Muñoz) e Hamlet (José Condessa) são prisioneiros de si e um do outro em constante confronto. Ora consigo, ora com o outro, ora desorientados por sentirem em si os males que vêm no

outro. Por isso obrigando-se à reflexão, revelando, por vezes analisando o seu mal-estar e saindo do seu universo egoísta para observar o estado do mundo, o desenvolvimento da civilização; para verificar como as maiores catástrofes não são consequência de humores da natureza mas da acção humana. Assim se consumindo quando procuram o amor, ou pelo menos alguma espécie de placidez, nesse vaivém entre o coração e as vísceras e o cérebro expondo-se, mostrando a sua impotência em concretizar o desejo, não encontrando uma saída.

Parece confuso. E, na verdade,

é. Boléo criou sem grande preocupação de clareza a sua *A Morte do Príncipe* a partir do original de Fernando Pessoa, com ingredientes retirados do *Hamlet* de William Shakespeare, claro, e com grande inspiração na singeleza furiosa da dúzia de páginas de *Máquina Hamlet* de Heiner Müller. É do autor alemão que vem aquela acção interior, aquela ânsia de comunicação sempre frustrada, que carrega o enredo de angústia e transporta a raiva e a revolta contra o que parece uma inevitável prisão onde os corpos se debatem, porém continuando a agir como marionetas. Estes títeres,

que o encenador manipula directamente no palco, escudado pelo subtil desenho de luz de Miguel Cruz e por uma trincheira de ecrãs, viajam entre o lirismo e a crueza, aparentemente entre si e o outro, e ainda o outro que têm de ser, a personagem que têm de interpretar e que simultaneamente os atrai e os assusta, dela, da sua desesperança tentando libertar-se e evoluir. Mas nada disto é mais claro que as sombras do palco, sendo preciso procurar nos esconos do texto pelas possibilidades de interpretação. ■ *Rui Monteiro*  
→ Teatro da Trindade. Até 20 Nov. Qua-Sáb 21.45. Dom 17.00 21.30. Dom 16.00. 12,50€

